

# **Mobilidade humana: perspectivas e desafios. Apresentação do dossiê.**

Villarreal Villamar, María del Carmen y Gisele Almeida.

Cita:

Villarreal Villamar, María del Carmen y Gisele Almeida (2017).  
*Mobilidade humana: perspectivas e desafios. Apresentação do dossiê.*  
*Revista Terceiro Milênio*, 8 (1), 7-18.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/maria.del.carmen.villarreal.villamar/13>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pbMf/k5s>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# Mobilidade humana: perspectivas e desafios — apresentação do dossiê

*Human mobility: perspectives and challenges —  
presentation of the dossier*

MARÍA DEL CARMEN VILLARREAL VILLAMAR  
GISELE MARIA RIBEIRO DE ALMEIDA

## INTRODUÇÃO

As migrações são um fenômeno mundial e intimamente ligado à história da humanidade. Os seres humanos são, de fato, uma espécie móvel, e a sua capacidade para se deslocar de um lugar a outro é uma das suas principais características, além de constituir o meio que tem lhes permitido se adaptar às condições do planeta e melhorar as suas formas de vida (LIVI, 2010). Seja por necessidade de sobrevivência ou pela procura de melhores oportunidades de vida, o

deslocamento tem sido um recurso utilizado pelos seres humanos ao longo da história e constitui um dos principais instrumentos da mudança social (CASTLES & MILLER, 2004; CASTLES, 2010).

Hoje em dia há 247 milhões de migrantes, o equivalente a 3,4% da população mundial (RATHA; PLAZA; DERVISEVIC, 2016), e, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), 65,3 milhões de pessoas foram deslocadas por guerras e conflitos até 2015. Estes dados evidenciam a importância adquirida pelas migrações em nível mundial, ao passo que mostram também que ficar nos próprios lugares de origem constitui a regra para a maioria dos seres humanos.

Além da maior importância do volume dos fluxos, devido a elementos como a crescente interdependência entre países ou a compressão espaço-temporal (HARVEY, 1989; URRY, 2007), as migrações têm experimentado profundas mudanças em termos econômicos, políticos e sociais. Para Castles e Miller (2004), os fluxos contemporâneos se diferenciam dos passados por pelo menos cinco características: (1) a globalização do fenômeno; (2) a crescente politização do processo; (3) a aceleração dos fluxos migratórios; (4) a diversificação das figuras migratórias e das motivações que alimentam os fluxos; e (5) a crescente feminização das migrações.

Neste contexto, refletir sobre a mobilidade humana em todas as suas expressões constitui uma necessidade para compreendermos a realidade que enfrentamos e perante a qual devemos ser capazes de oferecer análises e respostas adequadas a curto, médio e longo prazo. Apesar do surgimento de políticas migratórias cada vez mais restritivas, da construção e fortificação de muros e do aumento da xenofobia e da discriminação contra os migrantes, multiplicam-se as iniciativas de discussão e solidariedade por parte da sociedade civil e outros atores, assim como os questionamentos ao atual sistema de gestão das migrações internacionais. Partindo destas premissas, neste dossiê reunimos diversos trabalhos de caráter teórico, metodológico e empírico que analisam diferentes aspectos relativos à mobilidade humana, considerando a complexidade e a diversidade de experiências que esse fenômeno agrega, abrindo também novas frentes de pesquisa para dar conta da sua constante evolução.

À diferença do enfoque clássico das migrações, a perspectiva de mobilidade humana inclui tanto a emigração como a imigração – interna e internacional –, o refúgio, o retorno, o trânsito, o deslocamento forçado e o tráfico e contrabando de pessoas. Neste sentido, o presente dossiê reúne trabalhos que, além dos deslocamentos no circuito Sul-Norte, indagam sobre o significado do cosmopolitismo nos dias de hoje e explicitam as particularidades das migrações nas correntes Norte-Sul e Sul-Sul, ao passo que resgatam marcos teóricos e interpretativos originários

da África e, sobretudo, da América Latina. Paralelamente, os artigos que compõem este dossiê analisam a heterogeneidade de causas que alimentam as migrações internacionais, permitindo a compreensão de novos perfis migratórios, como os estudantes internacionais, ou as especificidades das migrações femininas.

Um dos argumentos que recebe mais atenção é o papel das políticas migratórias locais, nacionais e regionais, especialmente as surgidas como resultado de processos de integração como o Mercado Comum do Sul (Mercosul). A análise deste fenômeno é feita a partir de um enfoque crítico que evidencia as numerosas contradições existentes entre discursos e práticas no que diz respeito à gestão ou à governança das migrações, mas também são reflexões que abarcam os avanços e as tarefas pendentes na construção de políticas migratórias baseadas em um enfoque de direitos humanos que privilegie a livre mobilidade e livre residência de pessoas. Neste marco, enfatizam-se os desafios que enfrenta o Brasil e cidades específicas como Rio de Janeiro ou São Paulo, enquanto destino de velhos e novos fluxos migratórios, provenientes da Europa, da África e também de forma crescente dos países vizinhos da América do Sul. Por outro lado, considerando a dupla condição do Brasil como receptor e país de origem de importantes fluxos migratórios, são analisadas as estratégias, formas de organização e expressão dos brasileiros em cidades da Europa e dos Estados Unidos.

Conscientes de que as aproximações no estudo da mobilidade humana só podem ser interdisciplinares, o dossiê reúne autores(as) de diversas disciplinas – especialmente da Sociologia, da Ciência Política, da Comunicação, da Geografia e da História –, com diversas perspectivas teóricas e metodológicas e o propósito de analisar temas clássicos e emergentes sobre a mobilidade humana.

O dossiê e o interesse surgido pelos temas aqui tratados são resultado das atividades de ensino e pesquisa que as organizadoras realizam no marco da sua atuação na Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf) e Grupo de Relações Internacionais e Sul Global (Grisul) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde desenvolvem projetos sobre políticas migratórias, integração regional em perspectiva comparada e tendências e desafios das migrações internacionais na América Latina e Caribe. Tudo isto além das trocas e dos debates viabilizados pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (Niem).

## **I - A MOBILIDADE HUMANA ONTEM E HOJE**

Uma das características mais significativas dos fluxos migratórios contemporâneos é que se verificam em todas as direções e não apenas no circuito Sul-Norte. Neste contexto, as correntes Norte-Norte, Norte-Sul (QUIRION, neste dossiê) e, sobretudo, Sul-Sul (NEVES; DOMENECH; GRANJA & VILLARREAL; CAVALCANTI, TONHATI & TADEU; DANIEL, NEGROMONTE & CHARMITE, neste dossiê) adquirem cada vez mais relevância, o que, junto com o crescimento de acordos e processos de integração regional, poderia sugerir a existência de um cenário de relativa livre mobilidade. Por outro lado, o interesse pelos outros povos e as suas expressões culturais, assim como a maior acessibilidade e proximidade da alteridade – facilitada pela presença de migrantes e refugiados, produtos culturais ou pelos meios de comunicação –, tem permitido a emergência do cosmopolitismo do cotidiano (VERTOVEC & COHEN, 2010) ou cosmopolitismo comum (AGIER, 2016). É possível, portanto, falar de uma mobilidade facilitada e de um maior cosmopolitismo?

Longe de existir uma globalização dos fluxos migratórios, os efeitos e o alcance da mobilidade humana são controlados pelos países emissores e receptores de acordo com interesses políticos, econômicos ou culturais (AJA, 2004). Neste processo, se excluem os desejos reais dos migrantes, assim como as convenções e normas internacionais sobre direitos humanos. Simultaneamente, na contemporaneidade os processos globalizadores não apenas unem, mas dividem (BAUMAN, 2010). Deste modo, apesar de a mobilidade ser um valor altamente desejado, a mesma é privilégio de uma parte da população mundial com condições econômicas, níveis de formação e outras características específicas. Neste sentido, vivemos em um mundo em que existe uma hierarquia da mobilidade que estimula e facilita o deslocamento de uma minoria da população mundial, ao passo que gera crescentes barreiras e controles à imigração especialmente proveniente dos países do Sul do mundo (RIEGEL; DIAS & SOUZA, neste dossiê).

Por outro lado, desde a última década do século XX, a perspectiva transnacional evidenciou as múltiplas conexões que os migrantes mantêm com seus países de origem (BASCH; GLICK SCHILLER; SZANTON BLANC, 1994), estimuladas pelas mudanças tecnológicas e maiores facilidades nos deslocamentos. Neste cenário, as comunidades transnacionais, também chamadas de diásporas, ocupam um papel relevante. As diásporas, constituídas pelo conjunto de cidadãos residentes fora das fronteiras nacionais e seus descendentes, que se reconhecem numa identidade comum e mantêm relações com o seu território de origem (SHEFFER, 2003, p. 9-10),

têm sido estimadas como um bem cada vez mais precioso em nível internacional, tanto em termos econômicos como políticos e culturais. Contudo, para além do estudo das diásporas atuais, é preciso indagar sobre o significado e implicações originais do termo (DUFOIX, 2011), assim como sobre os exemplos de diásporas históricas que têm influenciado o desenvolvimento de identidades comuns de caráter transcontinental (MONIZ, neste dossiê).

## **II - MIGRAÇÕES SUL-SUL: ESTADOS, POLÍTICAS MIGRATÓRIAS E PERSPECTIVAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA SUL-AMERICANA**

Nas últimas décadas, a mobilidade humana entre países em desenvolvimento (fluxos Sul-Sul) tem crescido de forma progressiva até superar os fluxos das outras direções. Como resultado desta tendência, segundo o Banco Mundial, 84,3 milhões de pessoas — isto é, 34% dos fluxos internacionais — se deslocaram na direção Sul-Norte em 2015, enquanto que 93,1 milhões de pessoas (equivalentes a 38% da migração global) o fizeram entre países em desenvolvimento. Os fluxos Sul-Sul concentram também 86% dos refugiados em nível global e elevadas porcentagens de população em trânsito até países do Norte (RATHA; PLAZA; DERVISEVIC, 2016).

Além da pluralidade de motivos (políticos, econômicos, sociais, culturais, religiosos etc.) que podem provocar os deslocamentos humanos, as causas da mobilidade Sul-Sul se originam nas assimetrias entre países e na existência de modelos econômicos que privilegiam minorias nacionais em detrimento dos interesses coletivos. Não obstante, os deslocamentos nesta direção respondem também a fatores como a existência de redes de migrantes, facilidades à circulação, convênios multilaterais e acordos de integração regional entre países vizinhos (RATHA & SHAW, 2007; RAMÍREZ, 2016).

Apesar de ser um fluxo relativamente menos conhecido, em relação às outras direções (CASTLES & MILLER, 2004; RATHA & SHAW, 2007; OIM, 2013), a migração Sul-Sul, inclui migrantes com perfis heterogêneos como trabalhadores (CAVALCANTI, TONHATI & TADEU, neste dossiê) e estudantes (NEVES, neste dossiê). Os deslocamentos nesta direção, especialmente em casos como o sul-americano, envolvem também proporções significativas e muitas vezes majoritárias de mulheres (HERRERA; SANTOS, neste dossiê), além de estarem caracterizados por fluxos temporais de baixa e média qualificação, altos níveis de retorno e inserção formal e informal no mercado de trabalho (OIM, 2015; RATHA; PLAZA; DERVISEVIC, 2016; MELDE et al., 2014). De acordo com as tendências globais, os migrantes nesta direção também se concentram nas grandes cidades, onde enfrentam diversos problemas e

dificuldades no acesso aos direitos, assim como diversas formas de xenofobia e discriminação (OIM, 2013; OIM, 2015; DANIEL, NEGROMONTE & CHARMITE, neste dossiê).

Em termos geográficos, as migrações Sul-Sul adquirem grande relevância em nível regional. Na América do Sul, por exemplo, aproximadamente 70% dos imigrantes são originários da mesma região (OIM, 2017). O aumento dos fluxos neste contexto é resultado de fatores internos e externos. Entre os primeiros, cabe mencionar o crescimento econômico, o aumento da oferta de emprego e a melhoria das condições sociais e políticas dos países da América do Sul (MARTÍNEZ & ORREGO, 2016). Estes fatores permitiram que, além dos destinos clássicos da imigração regional, como Argentina e Venezuela, países como o Brasil ganhem cada vez mais destaque enquanto polos de atração de migrantes sul-americanos (CAVALCANTI, TONHATI & TADEU; DANIEL, NEGROMONTE & CHARMITE, neste dossiê). Nas migrações sul-americanas destacam-se, particularmente, a presença de fluxos mistos e transfronteiriços (SANTOS, neste dossiê), assim como o protagonismo histórico das mulheres, especialmente na região andina, o que tem permitido a criação de marcos analíticos autônomos que podem nos ajudar na interpretação das especificidades e características destes fluxos (HERRERA, neste dossiê).

Porém, no aumento das migrações intrarregionais na América do Sul é também preciso analisar o papel dos acordos (binacionais e multilaterais) assinados entre os países da região, assim como os processos de integração regional que têm incluído o tratamento da mobilidade humana entre seus objetivos. Com efeito, tanto a Comunidade Andina de Nações (CAN), como o Mercado Comum do Sul (Mercosul) e a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) têm criado medidas concretas para facilitar a circulação e residência dos cidadãos da região, assim como mecanismos para um crescente reconhecimento de direitos (RAMÍREZ, 2016; GRANJA & VILLARREAL, neste dossiê). Contudo, além dos discursos e da criação de políticas migratórias locais e regionais aparentemente favoráveis à imigração, é preciso indagar sobre as contradições entre discursos e práticas para entender que na região ainda existem diversos e heterogêneos processos de criminalização das migrações (DOMENECH, neste dossiê). Por isso, são necessárias análises que permitam compreender que, para além de políticas e acordos regionais, as dificuldades que enfrentam os migrantes sul-americanos na região no dia a dia ainda são significativas (DANIEL, NEGROMONTE & CHARMITE, neste dossiê).

### **III - VELHAS E NOVAS MIGRAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

O Brasil tem sido historicamente um país receptor de imigrantes e, desde os anos 1980, também um importante Estado de emigração em direção principalmente aos Estados Unidos, Europa e Japão – e um fluxo que guarda certas especificidades para o Paraguai. Os brasileiros no exterior representam, segundo os dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil (2015), mais de 3 milhões de pessoas e constituem um grupo heterogêneo com diversas estratégias de mobilidade, vínculos com o país de origem e formas de expressão e organização associativa (DIAS & SOUZA; ASSIS; ESCUDERO, neste dossiê).

Contudo, no século XXI, o Brasil adquire o papel de potência emergente devido ao seu crescimento econômico, ativa política internacional e melhores condições sociais, assim como a sua estabilidade institucional e política e uma maior oferta de empregos. A consequência destes elementos, e de fatores como as políticas migratórias cada vez mais restritivas, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, os efeitos da crise econômica global de 2008 e a existência de redes migratórias fizeram com que o país se tornasse também um polo de atração para população intra e extrarregional com diversas características.

Ao contrário dos fluxos migratórios históricos, onde apesar da diversidade de origens nacionais prevalecia o componente europeu, desde os anos 1980 o Brasil experimenta uma mudança de perfil, com uma presença cada vez maior de latino-americanos e caribenhos, africanos e asiáticos, vinculados a todos os setores da economia, em atividades que exigem alta ou escassa qualificação. A chegada destes novos contingentes de população vem modificando as percepções sociais e estatais em relação ao fenômeno migratório e supõe novos desafios, ao passo que exige modificações e novas respostas tanto na legislação como nas políticas públicas geradas pelas autoridades em prol de garantir o acesso aos direitos humanos, à cidadania, ao trabalho e à vida digna, assim como no combate ao aumento da xenofobia e de crescentes formas de discriminação (NEVES; CAVALCANTI, TONHATI & TADEU; DANIEL, NEGROMONTE & CHARMITE, neste dossiê).



#### IV - OS ARTIGOS DO DOSSIÊ

O dossiê está composto por treze artigos selecionados especialmente para esta coletânea que reúnem importantes contribuições locais e internacionais para as pesquisas sobre migrações.

No artigo *“Las políticas de migración en Sudamérica: elementos para el análisis crítico del control migratorio y fronterizo”*, Eduardo Domenech, professor e pesquisador do Centro de Estudos Avanzados da Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), analisa algumas das contradições entre os discursos e as práticas das políticas migratórias em nível regional e evidencia como, no contexto de uma agenda global de “gestão” das migrações, na América do Sul houve e ainda há diversas práticas de controle, vigilância e criminalização da mobilidade humana que estão sendo reforçadas pelo retorno ao poder de partidos e coalizões conservadores. O autor discute também como, através das lutas migrantes, as pessoas em mobilidade se tornam protagonistas, desafiam as políticas migratórias vigentes e oferecem alternativas perante os atuais regimes de controle e restrição dos fluxos.

Em *“Mercosur Migrante: enfoques y evolución del tratamiento de la movilidad humana en el Mercosur”*, Lorena Granja e María del Carmen Villarreal, pós-doutorandas e pesquisadoras das Universidades Estadual do Estado do Rio de Janeiro e do Norte Fluminense (UERJ e UENF), mediante o estudo das decisões e declarações oficiais e do papel desenvolvido por diversos atores, analisam a governança regional das migrações no Mercosul, assim como os enfoques, projetos de cidadania comum e desafios do bloco no que diz respeito à mobilidade humana.

No texto *“As fronteiras da cidadania: percepções sobre a imigração latino-americana e seu acesso a direitos no Brasil”*, Camila Daniel, professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que assina o artigo junto a Taís Negromonte da Silva e Ialodê Charmite, estudantes e pesquisadoras da mesma instituição, analisam as dificuldades que enfrentam os latino-americanos no Brasil, comparando os casos das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, e as condições de acesso aos direitos e aos serviços públicos, a partir da percepção dos imigrantes, representantes consulares, pesquisadores e ativistas.

Em *“Migração no Sul-Global: haitianos no mercado de trabalho brasileiro”*, Leonardo Cavalcanti, professor da Universidade de Brasília e coordenador científico do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), que assina o artigo com Tânia Tonhati, doutora pela University of London (Goldsmiths) e pesquisadora do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e Antônio Tadeu de Oliveira, pesquisador do IBGE e coordenador de estatísticas do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) estudam um dos fluxos

migratórios recentes mais significativos no Brasil. Com este objetivo, os autores apresentam um panorama da presença haitiana no mercado de trabalho formal brasileiro, com foco na região Sul do país, analisando o perfil desta migração, a sua distribuição geográfica e inserção no mercado laboral tendo como base os dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais).

Em “*Género y migración internacional en la región andina. Reflexiones sobre un campo en construcción*” Gioconda Herrera, professora e pesquisadora do Departamento de Sociologia e Estudos de Gênero da *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO)* no Equador, analisa o protagonismo dos assuntos de gênero dentro dos estudos migratórios, recuperando algumas das discussões pioneiras formuladas principalmente na região andina nos anos 1970 e 1980 e refletindo sobre as características destas perspectivas e as principais agendas de pesquisa que delas se derivam e que têm gerado uma “presença seletiva” do gênero nos estudos sobre mobilidade humana. Isto tem permitido evidenciar, por exemplo, o caráter “sexualmente construído” das instituições e os processos migratórios ou as reconfigurações familiares a partir das experiências migratórias.

Com “*Migrações transfronteiriças na Amazônia Ocidental*”, Gislene Santos, professora e pesquisadora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vem ajudar a preencher uma lacuna importante nos estudos migratórios no Brasil: as migrações internacionais em regiões de fronteira. Através de uma pesquisa de campo realizada entre 2013 e 2016, em Guajará-Mirim, no Estado de Rondônia, a autora identifica o funcionamento de uma densa rede social que liga este município brasileiro ao Departamento de Beni, na Bolívia. Além de analisar aspectos laborais do fluxo, a autora problematiza o papel do Estado brasileiro e os acordos bilaterais entre Brasil e Bolívia para a normatização deste fluxo, identificando os limites da política migratória em regiões de fronteira.

No texto, “*Cosmopolitismo e vidas móveis: questões éticas sobre a cidadania do mundo*”, Viviane Regel, doutoranda em Comunicação na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), a partir de análise textual, investiga os regimes de visibilidade e extrai múltiplas reflexões sobre as diferenças de acesso à cidadania e à experiência cosmopolita, a partir de dois diferentes processos de mobilidade humana: o dos turistas e o dos migrantes e refugiados.

No trabalho “*Lidando com fronteiras móveis: um estudo sobre as táticas de mobilidade urbana de brasileiros em Londres*”, Gustavo Dias, professor de Sociologia no Departamento de Política e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros-MG (Unimontes) e pesquisador membro do grupo de pesquisa Mutum (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e suas Interfaces), e Carla Nadine Souza, mestrande e pesquisadora da mesma

instituição, analisam as táticas de mobilidade de brasileiros indocumentados em Londres. A partir de uma sólida pesquisa de campo, os autores exploram junto ao universo pesquisado as experiências destes imigrantes na cidade, onde precisam lidar com o medo e os riscos cotidianos ao circularem pela cidade, em um contexto no qual as políticas migratórias e seus respectivos agentes avançam na adoção de medidas restritivas com a proliferação de mecanismos de controle e de vigilância. Os autores mostram como as fronteiras são extremamente porosas, diante de um controle migratório que engendra barreiras novas e móveis e que impõe aos imigrantes em situação indocumentada uma atenção e uma tensão constantes nas idas e vindas rotineiras.

Glauca de Oliveira Assis, professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e coordenadora do Observatório das Migrações de Santa Catarina, aborda em “Trânsitos contemporâneos: o ir e vir de emigrantes brasileiros(as) rumo à Europa”, a imigração brasileira na Europa tendo em vista a constituição de um território migratório, que delinea um “ir e vir” de brasileiros(as) imigrantes em Portugal. As configurações familiares e os efeitos de crises econômicas, na origem ou no destino, mesclam-se na construção de projetos migratórios e os atualizam. O recorte analítico priorizado pela autora traz para o centro da discussão aspectos relativos ao gênero e a especificidade da condição feminina nestes deslocamentos.

Para além das migrações no circuito Sul-Norte, no artigo “Migração estudantil internacional: experiências de inserção de africanos no contexto universitário brasileiro”, Ercílio Neves Brandão Langa, professor e pesquisador da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), aborda a crescente migração estudantil internacional, assim como as experiências, dificuldades e desafios de estudantes africanos inseridos em instituições de ensino superior (IES) no Brasil, com foco na cidade de Fortaleza.

No texto “O estrangeiro e as margens da cidade: a presença de europeus nas favelas cariocas”, Nicolas Quirion, doutorando no Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), inclui a relevante discussão sobre os crescentes fluxos Norte-Sul. Mediante um estudo de caso, o autor analisa a presença de cidadãos europeus, chamados habitualmente de “gringos” nas favelas do Rio de Janeiro e reflete sobre os conflitos simbólicos e sociais e as oportunidades deste processo, assim como aborda as conexões que existem entre este e alguns elementos da história nacional brasileira.

Em “Festividades artísticas e culturais como foco das organizações de imigrantes: da manutenção das raízes à produção de novos significados”, Camila Escudero, professora de Comunicação e Pesquisadora do Real Gabinete Português de Leitura, apresenta um duplo cenário de associativismo e, a partir de uma pesquisa de campo binacional, analisa comparativamente a

participação de imigrantes em festividades artísticas, folclóricas e culturais em Chicago e São Paulo, evidenciando a importância deste processo para os protagonistas, assim como a existência de elementos permanentes e a produção constante de novos significados derivados destas atividades.

Finalmente, no texto “Circuitos Europa/África/América em tempos e histórias silenciadas”, Elias Alfama Vaz Moniz, professor da Universidade de Santiago (US) e presidente do Instituto de Pesquisa e Estudos para o Desenvolvimento (IPED), a partir de uma análise histórico-cultural da experiência do arquipélago de Cabo Verde como espaço de passagem e “domesticação” de homens e mulheres escravizados em direção às Américas, estuda os processos pioneiros que permitiram a formação da diáspora africana e defende a necessidade de resgatar esta história silenciada de hibridismo e intercâmbio cultural entre Europa, África e América.

Boa leitura!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ACNUR (Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados). (2015). *Tendencias Globales. Desplazamiento Forzado en 2015. Forzados a Huir*, Ginebra, ACNUR.
- AGIER, Michel. (2016). *Borderlands: Towards an Anthropology of the Cosmopolitan Condition*. Malden, MA: Polity Press.
- AJA, Antonio. (2004). *Temas en torno a un debate sobre las migraciones internacionales*. CEMI, Centro de Estudios de Migraciones Internacionales, La Habana-Cuba.
- BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina; SZANTON BLANC, Cristina. (1994). *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*, London: Routledge.
- BAUMAN, Zygmunt. (2010). *La globalización: consecuencias humanas*, México: Fondo de Cultura Económica.
- CASTLES, Stephen. (2010). Comprendiendo la migración global: una perspectiva desde la transformación social. *Relaciones Internacionales*, n. 14, pp. 141-169.
- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. (2004). *La era de la migración: movimientos internacionales de población en el mundo moderno*, México: Universidad Autónoma de Zacatecas.
- DUFOIX, Stéphane. (2011). *La dispersion. Une Histoire des usages du mot diaspora*. Paris, Éditions Amsterdam.
- HARVEY, David. (1989). *The condition of postmodernity: an inquiry into the origins of cultural change*, Cambridge: Blackwell Publishers.
- LIVI, Massimo. (2010): *In cammino. Breve storia delle migrazioni*, Bologna: Il Mulino.
- MARTÍNEZ, Jorge; ORREGO, Cristian. (2016). *Nuevas tendencias y dinámicas migratorias en América Latina y el Caribe*. Serie Población y Desarrollo. Santiago: CEPAL, OIM.

MELDE, Susanne; ANICH, Rudolf; CRUSH, Jonathan; OUCHO, John. (2014). Introduction: The South-South Migration and Development Nexus. In ANICH, Rudolf; CRUSH, Jonathan; MELDE, Susanne; OUCHO, John (eds.). *A new perspective on human mobility in the South*. Global Migration Issues 3. Ginebra: IOM, Springer.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE) do Brasil. (2015). Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf> Acesso em: 5 jul. 2017.

OIM (Organización Internacional para las Migraciones). *Tendencias Migratorias en América del Sur*. Informe Migratorio Sudamericano n.1, Buenos Aires: OIM, 2017.

OIM. (Organización Internacional para las Migraciones). *Los migrantes y las ciudades: Nuevas colaboraciones para gestionar la Movilidad. Informe sobre las Migraciones en el Mundo*. Ginebra: OIM, 2015.

OIM (Organización Internacional para las Migraciones). *El bienestar de los migrantes y el desarrollo. Informe sobre las Migraciones en el Mundo*. Ginebra: OIM, 2013.

RAMÍREZ, Jacques. *Hacia el Sur. La construcción de la ciudadanía suramericana y la movilidad intrarregional*. Quito: CELAG, 2016.

RATHA, Dilip; PLAZA, Sonia; DERVISEVIC, Ervin (comp.) (2016). *Migration and Remittances Factbook 2016*. Global Knowledge Partnership on Migration and Development, (KNOMAD). Washington: Banco Mundial.

RATHA, Dilip; SHAW, William. (2007): *South-South Migration and Remittances*. Documento de Trabajo del Banco Mundial, n. 102, Washington, DC.

SHEFFER, Gabriel. (2003). *Diaspora Politics: At Home Abroad*. New York: Cambridge University Press.

URRY, John. (2007). *Mobilities*, Cambridge: Polity Press.

VERTOVEC, Steve; COHEN, Robin. (2010). Conceiving Cosmopolitanism. In: *The Creolization Reader. Studies in Mixed Identities and Cultures*. COHEN, Robin; TONINATO, Paola (eds). London; New York, Routledge.

### **María del Carmen Villarreal Villamar**

Doutora em Ciência Política, bolsista de pós-doutorado na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), pesquisadora do Grupo de Relações Internacionais e Sul Global (Grisul) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

### **Gisele Maria Ribeiro de Almeida**

Doutora em Sociologia, professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF).